26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e representação do conhecimento

DISPOSITIVOS PARATEXTUAIS NA REPRESENTAÇÃO DE FOTOGRAFIAS EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

PARATEXTUAL DEVICES IN THE REPRESENTATION OF PHOTOGRAPHS IN INFORMATION SYSTEMS

Hugo Guimarães Figueiredo Mafra – Universidade Federal Fluminense (UFF)
Rachel Ferreira Torres – Universidade Federal Fluminense (UFF)
Rosa Inês de Novais Cordeiro – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Discussão da relação entre fotografia e teoria do paratexto em sistemas de informação, a partir dos elementos de descrição, representação e contextualização que acompanham fotografias. Objetiva analisar em que medida a teoria do paratexto contribui para a compreensão da fotografia. Utiliza como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica e documental, recorrendo às fotografias do fundo Correio da Manhã, custodiado pelo Arquivo Nacional. Como resultado, constata-se que dispositivos presentes na materialidade das fotografias, elementos produzidos no contexto editorial e jornalístico e informações de descrição e representação registradas nos metadados do sistema podem ser analisados sob a perspectiva da teoria do paratexto, uma vez que contribuem para a identificação, contextualização e representação das imagens. Conclui-se que a teoria do paratexto contribui para a análise dos dispositivos associados à fotografia e para a compreensão de suas funções nos processos de descrição, representação e recuperação da informação em sistemas de informação.
Palavras-chave: fotografia; paratextos; representação do conhecimento.

Abstract: Discussion of the relationship between photography and paratext theory in information systems, based on the elements of description, representation, and contextualization that accompany photographs. It aims to analyze the extent to which paratext theory contributes to the understanding of photography. The methodological procedures employed are bibliographic and documentary research, drawing on photographs from the Correio da Manhã fonds, held by the National Archives of Brazil. As a result, it is found that devices present in the materiality of photographs, elements produced within the editorial and journalistic context, and descriptive and representational information recorded in the system's metadata can be analyzed from the perspective of paratext theory, as they

contribute to the identification, contextualization, and representation of images. It is concluded that paratext theory contributes to the analysis of the devices associated with photography and to the understanding of their functions in the processes of description, representation, and information retrieval in information systems.
Keywords: photographs; paratexts; knowledge representation.

1 INTRODUÇÃO

Surgida em meados do século XIX, a fotografia rapidamente se consolidou como uma das principais formas de registro visual da modernidade. Ao longo de sua trajetória, acompanhando transformações técnicas e tecnológicas, incorporou diferentes processos de captura e fixação de imagens, ampliando progressivamente seus campos de aplicação. No século XX, sua difusão e versatilidade favoreceram sua inserção em múltiplos contextos sociais, culturais e institucionais, passando a integrar acervos em distintos sistemas de informação, como arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus.

A fotografia passa, então, a ser compreendida não apenas como registro visual, mas também como documento vinculado aos contextos de produção, preservação e organização, que contribuem para a compreensão de seu significado. Conforme observa Kossoy (2002), o registro fotográfico resulta da articulação entre diferentes elementos estruturais, o assunto representado, a tecnologia utilizada e a ação do fotógrafo, sendo produzido em um contexto histórico específico. Para o autor, a fotografia registra sempre um fragmento desse contexto, um “micro aspecto” de uma realidade mais ampla.

Na Ciência da Informação (CI), a fotografia vem sendo analisada não apenas por sua dimensão imagética, mas também pelos processos informacionais que participam da produção de seu sentido. Data, autoria, local, legendas, descrições, metadados e contextos institucionais atuam como elementos que orientam a leitura da imagem, condicionando suas possibilidades de interpretação. Quando deslocada de seu contexto original de produção, a fotografia pode assumir significados distintos, evidenciando que sua compreensão é orientada por enquadramentos contextuais, discursivos e informacionais.

Esses elementos, associados à fotografia em diferentes momentos de seu fluxo documental, participam de sua identificação, contextualização e representação, e influenciam a forma como a imagem é compreendida em diferentes ambientes informacionais. É nesse sentido que a teoria do paratexto se mostra particularmente relevante para a compreensão

dos elementos que acompanham a fotografia e de suas relações com os processos de descrição, representação e uso da informação.

A teoria do paratexto, desenvolvida por Genette na década de 1980, no âmbito dos estudos literários, apresenta a noção de paratexto, que se refere ao conjunto de elementos que acompanha uma obra e medeia sua relação com o leitor, influenciando suas formas de acesso, interpretação e recepção. Títulos, prefácios, notas, capas e demais dispositivos paratextuais constituem, para Genette (2018), zonas de transição responsáveis por orientar a leitura e a criação de sentidos.

Embora vinculada inicialmente ao livro e ao texto literário, a teoria do paratexto vem sendo deslocada para outros objetos culturais e informacionais. Na CI, estudos recentes têm discutido o potencial do conceito em diversos contextos documentais. McAulay (2015), por exemplo, sugere uma ampliação para o domínio musical ao compreender os elementos que acompanham produções musicais e coleções instrumentais. Skare (2016), por outro lado, utiliza-se do conceito de paratexto para analisar elementos que acompanham e compõem a experiência de filmes.

No contexto das fotografias, essa aproximação foi realizada por Skare (2024) que compreende o paratexto como um dispositivo fundamental para a reconstituição do contexto de fotografias históricas, considerando elementos como legendas, descrições técnicas, metadados e marcas institucionais como componentes capazes de orientar a interpretação e evidenciar aspectos históricos, sociais e políticos associados às imagens.

Para Kossoy *apud* Souza e Silva e Klempous (2026), a fotografia é um fragmento visual produzido em um instante específico do tempo e do espaço, materializando uma determinada visão de mundo. Nesse processo, preserva simultaneamente duas dimensões: o tempo da criação**,** associado ao instante da tomada fotográfica, e o tempo da representação, marcado pela permanência e circulação da imagem em diferentes contextos históricos e culturais. É sobretudo no tempo da representação que a fotografia passa a ser acompanhada por diferentes elementos responsáveis por sua contextualização, identificação e representação em sistemas de informação.

Nesse sentido, se a fotografia constitui, para Kossoy *apud* Souza e Silva e Klempous, (2026, p. 153), em sua gênese técnica, uma imagem “sem prefácio nem posfácio”, de que modo os elementos que acompanham a fotografia em sistemas de informação podem ser compreendidos a partir da teoria do paratexto? Para responder a esta questão, analisaram-

se os elementos paratextuais identificados em uma amostra de fotografias selecionada no fundo Correio da Manhã, custodiado pelo Arquivo Nacional (AN), cujos registros descritivos e representações estão disponibilizados no Sistema de Informações do AN (SIAN).

A inserção da fotografia em sistemas de informação produz condições de leitura e uso distintas daquelas associadas à sua dimensão visual. Ao ser contextualizada e organizada nesses sistemas, a fotografia passa a ser acompanhada por um conjunto de elementos que orientam sua identificação, organização e recuperação, atuando diretamente na construção de sentidos e na representação da imagem. Esses elementos, assim como as formas de organização documental às quais a fotografia se vincula, não apenas fornecem informações complementares sobre a imagem, mas também participam de sua representação e das possibilidades de construção de sentidos em ambientes de informação.

Essa compreensão aproxima a fotografia das discussões propostas pela teoria do paratexto, uma vez que estabelecem relações entre a imagem, seus contextos de produção, organização e uso, influenciando as formas pelas quais ela é acessada e compreendida. Este trabalho tem como objetivo analisar em que medida a teoria do paratexto pode contribuir para a análise de elementos de contextualização, descrição e representação associados à fotografia em sistemas de informação.

Esta pesquisa constitui, portanto, uma aproximação inicial entre a fotografia e a teoria do paratexto, procurando examinar a pertinência dos fundamentos e princípios dessa teoria para o estudo da fotografia no âmbito da CI.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta discussão foi construído com base na análise de artigos, dissertações e teses das áreas da CI, dos estudos da fotografia e dos estudos literários, com destaque para os trabalhos de Kossoy (2002) Souza e Silva e Klempous (2026), Didi-Huberman (2018), Genette (2018), McKenzie (2018), Skare (2024) e Mauad (2008).

Ao longo das décadas, o advento fotográfico teve suas funções sociais e seus usos modificados pelo contexto histórico, social e político em que estava inserido. As fotografias deixaram as paredes de casa, os *cartes de visite* e os *cartes cabinet* para integrar diferentes esferas da vida social, registrar paisagens, documentar ações dos governos, ilustrar jornais e compor peças publicitárias, e, consequentemente, como documentos, foram incorporadas aos acervos em sistemas de informação.

Kossoy *apud* Souza e Silva e Klempous (2026, p. 153) considera que “a fotografia não tem um antes e nem depois. Ela é o que é: fragmento geométrico da aparência do objeto real por ela registrado num preciso instante de sua ocorrência. Sem prefácio nem posfácio”. Essa afirmação evidencia a fotografia como um fragmento visual de um objeto real, produzido em um instante específico do tempo e do espaço. Entretanto, durante a sua trajetória histórica e documental, a imagem passa a ser acompanhada por diferentes elementos responsáveis por sua identificação, contextualização e representação.

Para o Didi-Huberman (2012), as imagens não devem ser reduzidas a uma simples reprodução do real, pois permanecem atravessadas por diferentes temporalidades e possibilidades de leitura. As fotografias de arquivo constituem fragmentos de uma realidade social específica, sendo sempre parciais e lacunares, como todo testemunho histórico (Didi-Huberman, 2012). Ao refletir sobre os “olhos da história”, o autor destaca que as imagens revelam aspectos do espaço e do tempo em que foram produzidas e observadas, exigindo que nossa própria forma de vê-las seja constantemente recontextualizada (Didi-Huberman, 2018).

No que se refere às perspectivas dos tempos da criação e da representação da imagem fotográfica, anteriormente mencionadas, Kossoy *apud* Souza e Silva e Klempous (2026) assinala:

> Ela é a materialização técnica e estética de uma visão individual do mundo, razão de sua própria existência. [...] podemos falar de dois tempos e duas realidades que caracterizam a imagem fotográfica: **o tempo da criação**, efêmero, o da primeira realidade, instante único da tomada do registro no passado, num determinado lugar e época, gênese da fotografia; e **o tempo da representação**, perpétuo, que então se inicia, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração. São as histórias desses dois tempos que se complementam em torno do mesmo objeto numa nova dimensão simbólica e histórica (Kossoy *apud* Souza e Silva; Klempous, 2026, p. 153, grifo nosso).

É no “tempo da representação”, formulado por Kossoy *apud* Souza e Silva e Klempous (2026), que a fotografia passa a ser acompanhada por diferentes elementos responsáveis por sua contextualização, identificação e representação em sistemas informacionais. Ainda que partam de perspectivas distintas, Didi-Huberman e Kossoy aproximam-se ao reconhecer que a fotografia também pode ser compreendida como um fragmento visual produzido em determinado tempo e espaço histórico, cuja leitura permanece atravessada por diferentes temporalidades e possibilidades de interpretação. Mauad (2008, p. 140) observa que

> A fotografia, como representação que se fundamenta num ato, numa pragmática, remete à análise dos processos de produção de sentido por ela veiculada e ao contexto histórico no qual é realizada. Neste caso, sua leitura é sempre histórica. A dimensão da historicidade, reinscrita na mensagem fotográfica pela idéia de ato fundador, não só reabilita o sujeito como agente produtor de sentido, como o identifica com o objeto fotografado, considerando ambos como partes de uma mesma ação.

Ao compreender a fotografia como representação historicamente situada e vinculada à produção de sentidos, Mauad (2008) articula-se com as discussões de Kossoy acerca do "tempo da representação". Nesse processo, a imagem deixa de operar apenas como registro visual isolado e passa a circular acompanhada por elementos que participam de sua contextualização, identificação e leitura. Esses elementos não apenas fornecem informações sobre a imagem, mas contribuem para situá-la em relação ao contexto de produção, aos agentes envolvidos e às circunstâncias de sua circulação.

É a partir dessa compreensão da fotografia como documento situado e acompanhado por elementos que participam de sua contextualização que se estabelece uma aproximação com a teoria do paratexto. Skare (2024) destaca a importância de uma abordagem complementar na análise de documentos históricos, considerando simultaneamente suas dimensões materiais, sociais e mentais. A autora demonstra que documentos visuais, como fotografias, circulam em diferentes suportes e ambientes, como arquivos, bases de dados digitais, redes sociais e publicações impressas, aos quais se associam diferentes elementos de contextualização e identificação. Tais elementos, que incluem títulos, descrições, metadados e outros dispositivos informacionais, participam dos processos de descrição e representação do documento, orientando sua compreensão, situando historicamente as imagens e ampliando as possibilidades de compreensão de seu conteúdo (Skare, 2024).

Diante dessas considerações sobre os elementos que acompanham e contextualizam a fotografia, torna-se necessário compreender quais características permitem reconhecê-los como dispositivos paratextuais. Genette (2018), ao formular a teoria na década de 1980, reconhece que uma das questões recorrentes em torno do conceito consiste em definir se os dispositivos que compõem a zona de transição e mediação entre a obra e seus públicos são ou não parte dela. Um dos aspectos centrais da teoria é que os dispositivos paratextuais não se definem apenas por sua posição em relação à obra, mas sobretudo pelas funções que desempenham na relação entre a obra e seus públicos. Nesse sentido, mais do que identificar

objetos específicos como paratextos, interessa compreender como determinados dispositivos participam da apresentação, contextualização e interpretação de um objeto cultural.

Os elementos paratextuais, segundo Genette (2018), cercam e prolongam uma obra, apresentando-a, tornando-a presente no mundo e favorecendo sua recepção e consumo. No contexto das fotografias, vê-se aparatos que geram sentido funcionando como importantes elementos para a compreensão da fotografia. Na CI, Andretta e Perrotti (2017) discutem o conceito de paratexto a partir de suas funções informacionais, como o intermédio entre o leitor e o texto, compreendendo esses dispositivos como elementos que participam da relação entre produção, organização e representação da informação. Os autores analisam a natureza e o funcionamento desses dispositivos, destacando o papel que desempenham na apresentação, contextualização e uso da informação.

Genette (2018) destaca ainda que nem todos os elementos produzidos em torno de uma obra podem ser considerados paratextos. Nesse sentido, a responsabilidade associada à produção desses dispositivos constitui um aspecto fundamental. Assim, para que determinado elemento seja reconhecido como paratexto, ele deve ser produzido pelo autor ou pelo editor da obra principal. Há ainda um terceiro caso, denominado paratexto alógrafo, no qual uma terceira pessoa pode ser considerada responsável pelo dispositivo, desde que autorizada por um dos dois agentes anteriores.

Essa discussão torna-se relevante no contexto da fotografia. Diferentemente da obra literária tradicional, os sistemas de informação ampliam o conjunto de agentes envolvidos na produção de elementos responsáveis pela contextualização, descrição, representação e uso das imagens. Fotógrafos, jornalistas, arquivistas, bibliotecários e demais profissionais passam a participar da construção desses dispositivos, produzindo elementos que acompanham a fotografia ao longo de sua trajetória documental. Ainda que recebam denominações distintas, tais agentes podem ser compreendidos a partir das relações de responsabilidade propostas por Genette (2018), uma vez que atuam diretamente na produção de elementos associados à fotografia e autorizados por seus contextos institucionais de organização e custódia.

Apesar de originar-se nos estudos literários, a teoria do paratexto tem sido progressivamente deslocada para outros domínios culturais e informacionais. Nessa direção, Bhaskar (2011), por exemplo, propõe o conceito de paraconteúdo a partir das reflexões de Genette (2018), como uma ampliação do alcance do paratexto para além da obra literária, permitindo analisar conteúdos produzidos em diferentes mídias e plataformas. Observa-se,

portanto, um movimento de expansão do conceito para outros domínios, possibilitando sua aplicação a diferentes tipos de documentos, entre eles a fotografia.

Na CI, o conceito de paratexto vem sendo apropriado para a análise de diferentes fenômenos informacionais. Mafra e Cordeiro (2024) identificam três abordagens predominantes nas pesquisas da área: estudos que utilizam paratextos como fonte empírica, estudos que analisam paratextos como objeto de investigação e estudos que exploram conceitualmente a teoria do paratexto. As adaptações e reflexões acerca do conceito para além do texto literário, incluindo o seu uso para análise de fotografias, enquadram-se nesta última abordagem, por se tratar de pesquisas voltadas à discussão, ampliação e deslocamento conceitual da teoria.

Pesquisadores como Barreiros (2014) e Latham e Gross (2019) empregam a noção de paratexto no contexto dos estudos do livro, qualificando as imagens como elementos paratextuais que acompanham textos escritos. Trata-se da abordagem mais recorrente na literatura científica. Skare (2024), por outro lado, propõe um movimento distinto ao considerar a fotografia como documento que possui seus próprios dispositivos de contextualização e interpretação. Contudo, grande parte das pesquisas compreende a fotografia como elemento paratextual de obras textuais, este estudo parte do movimento inverso, classificando a fotografia como documento autônomo com seus elementos paratextuais que auxiliam na produção de sentido.

Para McKenzie (2018, p. 70),

> Primeiro, qualquer fotografia é hoje reconhecida como mais um artifício: o enquadramento seleciona o conteúdo; outras seleções (de filme, abertura, exposição e luz) estabelecem limites físicos à forma da imagem; outras modificações podem ser introduzidas durante a revelação, o que pode afetar uma parte ou toda a imagem; e, é claro, a qualidade do papel, tamanho da impressão e o ambiente no qual ela é visualizada também vão determinar o tipo de leitura que é feito dela. Segundo, como Barthes demonstrou com grande impacto, a fotografia só significa qualquer coisa 'por causa da existência de um estoque de elementos significantes já existentes'.

Essa perspectiva sobre a materialidade amplia a discussão dos elementos que acompanham a fotografia, uma vez que sua relação com a imagem não se limita ao conteúdo visual registrado. Se, para McKenzie (2018), a materialidade documental participa da produção de significados, os elementos que acompanham a fotografia também integram os processos pelos quais a imagem é contextualizada, descrita e recuperada. Legendas, títulos, carimbos, descrições, metadados e outros dispositivos informacionais não apenas circundam

a fotografia, mas participam ativamente de sua contextualização e representação. Assim, a aproximação com a teoria do paratexto não decorre apenas da presença desses elementos no entorno da imagem, mas das funções que desempenham na relação entre a fotografia e os processos de descrição e representação em sistemas de informação.

A relevância da teoria do paratexto para os estudos da fotografia não reside em renomear elementos já consolidados pela Organização do Conhecimento (OC), mas em contribuir para uma chave interpretativa que permita evidenciar como dispositivos participam dos processos de descrição, contextualização e representação da informação fotográfica. Nessa perspectiva, observar tais elementos como dispositivos paratextuais permite considerar a existência e as funções que desempenham na apresentação, identificação, contextualização e recuperação das fotografias em sistemas de informação. Assim, torna-se possível estudar sua contribuição para a construção de sentidos, para os processos de representação das fotografias e para a recuperação da informação em ambientes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos, essa é uma pesquisa exploratória e descritiva. No que tange à abordagem e coleta de dados é qualitativa. Utilizaram-se como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica serviu para a fundamentação teórica da pesquisa, estando voltada às temáticas de paratextos e fotografias. Foi realizada em 11 bases de dados ao total, sem delimitação temporal e nos idiomas português, inglês, espanhol e francês: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI; Base de Dados do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – BENANCIB; Library, Information Science and Technology Abstracts – LISTA; Scientific Electronic Library Online – SciELO; Web of Science; Sistema de Información Científica Redalyc; Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD; Catálogo de Teses e Dissertações; Google Scholar; Portal de Periódicos da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

A pesquisa documental foi empregada como forma de identificar dispositivos paratextuais que acompanham a fotografia, que auxiliam em sua contextualização, assim como aqueles presentes nos metadados atribuídos à fotografia no SIAN. Como mencionado,

a busca realizou-se no acervo do Correio da Manhã custodiado pelo Arquivo Nacional e disponível no SIAN.

Na busca realizada no SIAN, utilizou-se a expressão de busca “Favelas - Guanabara”. A pesquisa retornou 74 dossiês, compostos por 1.595 fotografias. Considerando o período de vigência do estado da Guanabara, foram consideradas as fotografias produzidas entre 1960 e 1975. O fundo Correio da Manhã, assim como o recorte temático e temporal, foi selecionado em razão de sua representatividade para a documentação fotográfica do período, de sua recorrente utilização em pesquisas sobre a história do Rio de Janeiro e de constituir um dos acervos mais consultados do Arquivo Nacional (Arquivo Nacional, 2020).

Como critério para a composição do corpus de análise, selecionaram-se os 25 dossiês com maior quantidade de fotografias. Em cada dossiê, analisou-se uma amostra correspondente a aproximadamente 10% das fotografias. A seleção das fotografias dentro de cada dossiê seguiu a ordenação apresentada pelo próprio SIAN: adotaram-se, sequencialmente, as primeiras fotografias até atingir o quantitativo correspondente à amostra definida para cada dossiê. Assim, não houve seleção individual das imagens a partir de seu conteúdo ou em características previamente identificadas.

Os 25 dossiês analisados somaram 1.319 fotografias, das quais 138 compuseram a amostra. Para a identificação dos elementos paratextuais, entendidos como os dispositivos que geram sentido e realizam a mediação da informação, examinaram-se os seguintes aspectos: presença de elementos no verso da fotografia; carimbos, marcas, etiquetas ou inscrições; identificação de autoria, produção ou origem; informações sobre a data, o local ou o acontecimento registrado; e legendas ou anotações associadas à imagem. Também foram considerados os metadados atribuídos às fotografias no SIAN. Como resultado da análise, verificou-se que todas apresentaram elementos paratextuais, o que indica a presença recorrente desses elementos no conjunto documental examinado.

A partir da recorrência identificada na amostra, os exemplos apresentados na seção seguinte foram selecionados por permitirem observar, de forma mais detalhada, os diferentes elementos paratextuais e suas relações com a fotografia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

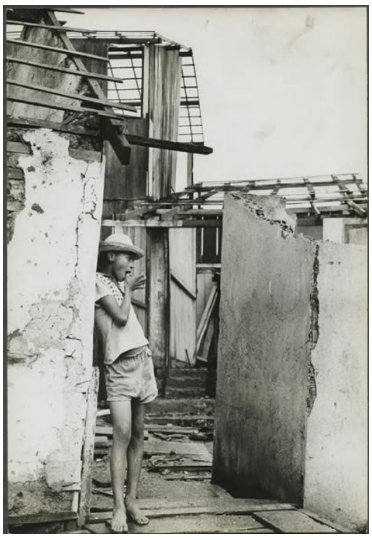
A análise das 138 fotografias que compõem a amostra evidenciou a recorrência de dispositivos paratextuais associados às imagens, presentes tanto na materialidade dos

documentos quanto em seu contexto de produção e circulação e nos processos de descrição e representação realizados no SIAN. Além de constatar a presença desses dispositivos, foi possível reconhecer diferentes instâncias de sua manifestação e, para fins de discussão, organizá-los em três grupos: elementos presentes na materialidade da fotografia; elementos produzidos no contexto editorial e jornalístico; e elementos gerados nos sistemas de informação.

Para a discussão dos resultados alcançados, é importante esclarecer algumas características do acervo do Correio da Manhã. O acervo reúne cerca de 476 mil negativos fotográficos e 362.18 fotografias, além de outras tipologias documentais (Arquivo Nacional, 2025)[1]. Produzido entre 1901 e 1974, o fundo foi incorporado à instituição em 1982, por doação de Fernando Gasparian, o que havia adquirido em leilão. O acervo encontra-se organizado por assunto, procedência e ordem alfabética. Os documentos iconográficos compreendem ampliações e negativos fotográficos de vários formatos e "retratam cenas da vida nacional e internacional, resultado das coberturas jornalísticas diárias do jornal" (Arquivo Nacional, [2025?]).

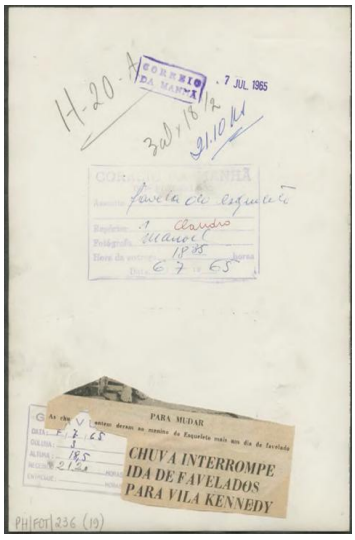
Para explicitar como esses dispositivos se manifestam nas diferentes instâncias identificadas, apresentam-se, a seguir, exemplos selecionados na amostra que permitem observar suas relações com a fotografia.

Figura 1 – Favela do esqueleto (1965)



Fonte: Correio da Manhã (Arquivo Nacional).

Figura 2 – Verso da fotografia



Fonte: Correio da Manhã (Arquivo Nacional).

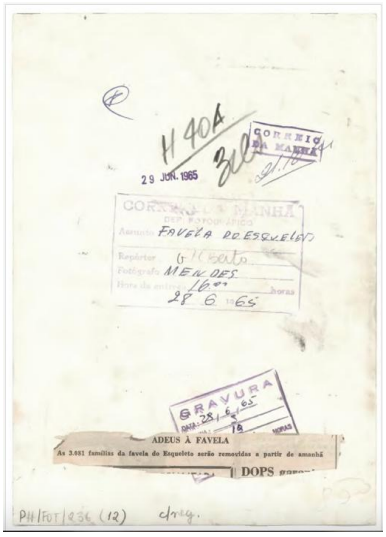
[1] Cabe destacar, que até janeiro/2026, o Arquivo Nacional informava que o Correio da Manhã possuía 1.014.120 fotografias. Porém, a instituição adicionou no SIAN, que as "Dimensões das fotografias atualizadas de 1.014.120 para 362.181 em 14 jan. 2026." (Arquivo Nacional, [2025?])

Figura 3 – Favela do esqueleto (1965)



Fonte: Correio da Manhã (Arquivo Nacional).

Figura 4 – Verso da fotografia



Fonte: Correio da Manhã (Arquivo Nacional).

A figura 1 é a fotografia de um menino em uma construção. Na figura 3, observam-se algumas construções em uma favela, além da presença de homens e mulheres. Consideradas isoladamente, sem os elementos informacionais que as acompanham, as fotografias não fornecem, por si só, informações suficientes para sua plena compreensão e contextualização, como o local do registro, a data, o contexto de produção, a autoria ou a finalidade da imagem. Sem esses elementos, apresentam-se como registros visuais abertos a múltiplas interpretações, limitados àquilo que pode ser inferido apenas a partir da visualidade da cena.

Na figura 2 (verso da figura 1), identificam-se diversos elementos informacionais associados ao documento, como carimbos do produtor, identificação do fotógrafo e do repórter, datas, horários, anotações manuscritas e referências à reportagem vinculada à imagem. A figura 4 (verso da figura 3) traz elementos semelhantes, como carimbo institucional, data, legenda da reportagem, identificação do fotógrafo e do repórter e indicação do local fotografado. Esses elementos não integram o conteúdo visual da fotografia, mas acompanham materialmente o documento e participam de sua contextualização.

Nesse sentido, os elementos presentes no verso das fotografias podem ser compreendidos como dispositivos paratextuais, na medida em que envolvem a imagem, situam sua produção e orientam sua leitura. Não se trata apenas de afirmar que carimbos, datas, legendas ou anotações “são” paratextos, mas de observar que tais elementos exercem funções próximas àquelas atribuídas por Genette (2018): apresentam, identificam, contextualizam e mediam a relação entre o documento e seus públicos.

No caso exemplificado, esses dispositivos também indicam agentes envolvidos na produção e circulação da fotografia, como o jornal, o fotógrafo, o repórter e, posteriormente, a instituição responsável por sua custódia[2]. Cabe destacar, ainda, que esse conjunto de marcas documentais presentes nos versos das fotografias, especificamente nos positivos, constitui uma característica recorrente do fundo Correio da Manhã, permitindo identificar aspectos relacionados à produção e ao uso das imagens no contexto jornalístico, bem como à sua trajetória documental e institucional.

A identificação dos agentes responsáveis pela produção desses dispositivos constitui um aspecto particularmente importante, como já mencionado. No caso das fotografias do Correio da Manhã, os elementos presentes no verso foram produzidos no próprio circuito de produção jornalística da imagem, por agentes vinculados ao jornal ou à sua organização documental. Por isso, podem ser compreendidos como dispositivos paratextuais associados à fotografia, uma vez que não são comentários externos ou aleatórios, mas marcas produzidas por agentes responsáveis por sua produção e custódia.

Essa discussão se mostrou relevante para a análise dos metadados e descrições produzidos no SIAN. À primeira vista, tais elementos poderiam ser compreendidos apenas como informações externas à fotografia. Entretanto, considerando a relação de responsabilidade destacada por Genette (2018), entende-se que esses elementos podem integrar o sistema paratextual das fotografias analisadas. Isso porque são produzidos pelo Arquivo Nacional, instituição legalmente custodiadora pela documentação.

As figuras 5, 6 e 7, apresentam os metadados e descrições disponíveis no SIAN para o dossiê[3] ao qual pertencem as fotografias analisadas. Nesse ambiente, a imagem passa a ser acompanhada por outros elementos descritivos, como título, data de publicação, autoria, assuntos indexados, identificação da coleção, informações sobre custódia e localização do documento. Tais elementos possuem função técnica nos processos de descrição, indexação e recuperação da informação, próprios da OC. Quando observados a partir de Genette, podem ser compreendidos como dispositivos paratextuais, pois interferem diretamente nas formas como a fotografia é localizada, identificada e contextualizada pelos usuários do sistema.

[2] Identificados a partir das inscrições a lápis, no canto inferior esquerdo da imagem: PH/FOT/236 (12) e PH/FOT/236 (19) são identificadores de fundo, série e dossiê, inseridos pelo Arquivo Nacional.
[3] Dossiê BR RJANRIO PH.0.FOT.236.

Os metadados, as descrições e os termos de indexação não deixam de ser elementos importantes para OC. O que se propõe é compreendê-los também por sua função paratextual, isto é, pelo modo como contribuem para a representação da fotografia em ambientes documentais. Assim como os paratextos literários contribuem para apresentar e tornar uma obra presente no mundo, os dispositivos informacionais associados à fotografia contribuem para torná-la acessível, compreensível e recuperável em ambientes documentais.

Figuras 5 – SIAN – Arquivo Nacional



1.1 - Código de Referência: BR RJANRIO PH.0.FOT.236

1.2 - Título

1.2.1 Indicação do título

Favelas - Guanabara (Esqueleto)

1.2.2 - Indicação de Responsabilidade

Pessoa	Titulação	Cargo/Função	Instituição	Responsabilidade
Correio da Manhã (jornal : Rio de Janeiro)				produtor(a)
Costa, Manoel Gomes da				fotógrafo(a)
França				fotógrafo(a)
Mendes				fotógrafo(a)
Pimentel				fotógrafo(a)
Santos, Gilmar				fotógrafo(a)
Santos, Milton dos				fotógrafo(a)

1.2.3 - Edição

Revisada: Não

Aumentada: Não

1.2.4 - Local de Produção

Localidade	Cidade/Município	Unidade política-administrativa	País
	Rio de Janeiro	Unidade de Federação-	Brasil

1.2.5 - Editora: O Correio

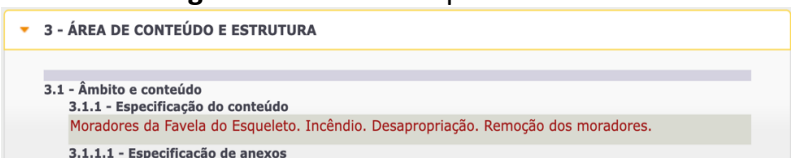
1.3 - Datas

1.3.1 - Data de Produção

Inicial : 25/1/1953 Final : 28/6/1965

Fonte: SIAN – Arquivo Nacional.

Figuras 6 – SIAN – Arquivo Nacional



3 - ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 - Âmbito e conteúdo

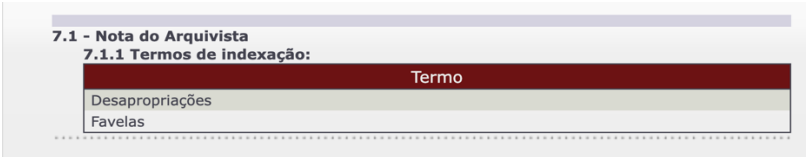
3.1.1 - Especificação do conteúdo

Moradores da Favela do Esqueleto. Incêndio. Desapropriação. Remoção dos moradores.

3.1.1.1 - Especificação de anexos

Fonte: SIAN – Arquivo Nacional.

Figuras 7 – SIAN – Arquivo Nacional



7.1 - Nota do Arquivista

7.1.1 Termos de indexação:

Termo
Desapropriações
Favelas

Fonte: SIAN – Arquivo Nacional.

A partir dos elementos presentes nas fotografias, em seus versos e nos metadados e descrições disponibilizados no SIAN, é possível contextualizar os registros analisados como imagens capturadas em 1965, no contexto do Estado da Guanabara, relacionadas ao processo de remoção da Favela do Esqueleto, produzidas pelo Correio da Manhã, com autoria atribuída aos fotógrafos Manoel e Mendes e associadas a reportagens produzidas por Cláudio e

Gilberto. Essas informações não substituem a imagem, mas orientam sua leitura e ampliam suas possibilidades de compreensão.

Tanto os elementos editoriais presentes no contexto de produção jornalística quanto os metadados produzidos no sistema de informação podem ser compreendidos como componentes de um sistema paratextual da fotografia, formado por dispositivos produzidos em diferentes momentos da trajetória documental da imagem: de sua produção, de sua publicação e uso jornalístico e de custódia, descrição e representação institucional.

Para fins de análise, os elementos identificados neste estudo podem ser organizados preliminarmente em três grupos: elementos presentes na materialidade da fotografia, como carimbos, datas e anotações; elementos produzidos no contexto editorial e jornalístico, como legendas, títulos e indicações de autoria; e elementos gerados em sistemas de informação, como as descrições e as representações temáticas registradas nos metadados do sistema. Essa organização não pretende constituir uma tipologia definitiva, mas evidenciar que os dispositivos associados à fotografia se manifestam em diferentes momentos e instâncias de fluxo documental.

Os resultados indicam que, embora a fotografia possua uma dimensão de imagem própria, constituindo, para Kossoy *apud* Souza e Silva e Klempous (2026), um fragmento visual “sem prefácio nem posfácio”, sua inserção em sistemas de informação favorece a associação de diferentes elementos responsáveis por ampliar suas possibilidades de identificação, contextualização, representação e uso. É justamente no “tempo da representação” que esses dispositivos assumem papel relevante, pois acompanham a imagem em sua permanência, circulação e reconstituição do contexto em ambientes informacionais.

Assim, a aproximação entre fotografia e paratexto não decorre apenas da presença de elementos ao redor da imagem, mas das funções que esses elementos desempenham. Legendas, descrições, metadados, carimbos, datas e anotações podem ser interpretados como dispositivos paratextuais porque apresentam a fotografia, situam sua produção, indicam responsabilidades, orientam sua leitura, favorecem sua recuperação e participam da construção de seus sentidos. A fotografia, portanto, associa-se a um conjunto de dispositivos que participam ativamente de sua representação, descrição e contextualização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar de que maneira elementos presentes na fotografia e a ela associados podem ser analisados a partir da teoria do paratexto em ambientes informacionais. O exame das fotografias e das informações de descrição e representação nos metadados do SIAN permitiu observar que diferentes elementos vinculados às imagens exercem funções semelhantes às atribuídas por Genette aos dispositivos paratextuais. Os resultados indicam que tais elementos além de acompanhar a fotografia, participam de sua identificação, contextualização, representação e recuperação em sistemas de informação, contribuindo para a OC.

O objetivo proposto foi alcançado e a questão apresentada pôde ser respondida, ao se verificar que os elementos que acompanham a fotografia em sistemas de informação podem ser compreendidos a partir da teoria do paratexto, na medida em que apresentam a imagem, situam sua produção, indicam responsabilidades e participam de seus processos de contextualização, descrição e representação. Assim como o livro não se reduz ao texto principal, a fotografia também não se restringe à imagem. Seu fluxo em sistemas de informação envolve um conjunto de dispositivos que participam de seus processos de contextualização, descrição e representação da informação fotográfica.

Os resultados permitem avançar na compreensão de que os paratextos da fotografia não correspondem a uma única categoria ou a um conjunto fixo de elementos, mas se constituem em diferentes momentos de seu fluxo documental. No corpus examinado, esses dispositivos manifestaram-se em três grupos: elementos presentes na materialidade da fotografia; elementos produzidos no contexto editorial e jornalístico; e elementos gerados nos sistemas de informação. Carimbos, anotações, legendas, assim como informações descritivas e de representação temática registradas no SIAN, exemplificam dispositivos que estabelecem relações entre a imagem e seus contextos de produção, circulação, custódia e uso. Compreendê-los sob a perspectiva paratextual permite constatar que os processos de descrição e representação não apenas registram informações sobre a fotografia, mas também produzem camadas de contextualização que participam de sua identificação, recuperação e possibilidades de interpretação.

A relação entre a teoria do paratexto e os metadados abre ainda uma possibilidade de estudo a ser aprofundada, em especial no que se refere aos metadados relacionados à

preservação digital. Essa perspectiva, embora não constitua objeto específico desta pesquisa, sugere novas possibilidades para o estudo dos dispositivos que acompanham a fotografia ao longo de seu fluxo em ambientes informacionais.

Por fim, trata-se de uma aproximação inicial entre fotografia e teoria do paratexto, que não pretende esgotar as possibilidades de estudo do tema. Como desdobramento, apontam-se pesquisas futuras sobre a identificação de funções, categorias e agentes responsáveis pela produção desses dispositivos, contribuindo para o aprofundamento das discussões sobre fotografia no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira; PERROTTI, Edmir. Nos limites do paratexto: possibilidades para refletir a mediação e apropriação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...] Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003040994.pdf?

ARQUIVO NACIONAL. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**, [2025?]. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp. Acesso em: 10 dez. 2025.

BARREIROS, Patrício Nunes. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. **Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas**, Madrid, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2014. Disponível em: https://www.historicoeagora.net/librodigital/article/view/778. Acesso em: 12 maio 2026.

BHASKAR, Michael. Towards paracontent: marketing, publishing and cultural form in a digital environment. **Logos**, Leiden, v. 22, n. 1, p. 25-36, 2011. Disponível em: https://brill.com/view/journals/logo/22/1/article-p25_4.xml Acesso em: 12 maio 2026.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Olhos livres da história. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, n. 2, Recife, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/238900. Acesso em: 12 maio 2026.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia: Ateliê, 2018.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LATHAM, Don; GROSS, Melissa. Pausing at the threshold: peritextual images in young adult nonfiction award winners. **The Journal of Research on Libraries and Young Adult**, Chicago, v. 9, n. 2, p. 1-20, 2019. Disponível em: https://www.yalsa.ala.org/jrlya/2019/01/pausing-at-the-threshold-peritextual-images-in-young-adult-nonfiction-award-winners/. Acesso em: 12 maio 2026.

MAFRA, Hugo Guimarães Figueiredo; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Paratexto na Ciência da Informação: abordagens existentes na literatura científica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 17, p. 1-28, 2024. Disponível em: https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/681. Acesso em: 12 maio 2026.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MCAULAY, Karen E. Sexy bibliography (and revealing paratext). **Library Review**, Leeds, v. 64, n. 1/2, p. 154-161, 2015. Disponível em: https://www.emerald.com/gkmc/article/64/1-2/154/277215/Sexy-bibliography-and-revealing-paratext. Acesso em: 12 maio 2026.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

SKARE, Roswitha. Nanook of the North (USA, 1922/1947/1976/1988) and film exhibition in the classical silent era: a document unbounded? **Journal of Documentation**, Leeds, v. 72, n. 5, p. 916-929, 2016. Disponível em: https://nva.sikt.no/registration/0198cc4667f3-b1d5c89b-b059-47fe-a8e4-6725ab873c2a. Acesso em: 12 maio 2026.

SKARE, Roswitha. The importance of a complementary approach when working with historical documents. **Journal of Documentation,** Bingley, v. 80, n. 3, p. 618–631, 2024. Disponível em: https://www.emerald.com/jd/article/80/3/618/1232626/The-importance-of-a-complementary-approach-when. Acesso em: 12 maio 2026.

SOUZA E SILVA, Wagner; KLEMPOUS, Débora. O pesquisador, o professor e o fotógrafo: entrevista com Boris Kossoy. **MATRIZes**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 147–160, jan./abr. 2026. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v20i1p147-160 Acesso em: 12 maio 2026.